

ENUNCIÇÃO E GÊNESE DE UM TEXTO:

Elaboração semântica e textualização¹

Irène Fenoglio (ITEM - CNRS/ENS)
irene.fenoglio@ens.fr

RESUMO:

Diante de um complexo material de vestígios gráficos, o linguista compromete-se a analisar a forma a qual uma aparente desordem é imposta ao discurso, e mesmo à língua, nos enunciados em curso, esforça-se para encontrar o processo de enunciação. Ele observa, a partir de diferentes tipos de manuscritos, detalhes linguísticos que lhe permitirão compreender o funcionamento processual da escritura em ato e os procedimentos enunciativos do texto em vias de se fazer. A atenção da autora visa ao processo de textualização, e não ao estado definitivamente estabilizado de um texto. Trata-se de um texto em produção no qual se procura revelar a elaboração semântica. O estudo se apoia na análise dos textos de Émile Benveniste, Althusser, Nancy Houston e André Chedid. O trabalho mostra que estudar a gênese de um enunciado na profundidade de seus traços é objetivar o processo de enunciação, cuja sincronia faz o texto e abre o desdobramento potencial do sentido.

Palavras-chave: Gênese da enunciação; Elaboração semântica; Textualização.

ENUNCIATION AND GENESIS OF A TEXT: SEMANTIC AND TEXTUALIZATION PREPARATION

ABSTRACT:

Facing a complex material of graphic traces, the linguist is committed to analyzing the form in which an apparent disorder is imposed to the speech, and even to the language, in enunciates in progress, struggling to find the process of enunciation. He observes, from different kinds of manuscripts, linguistic details that will allow him to comprehend the procedural functioning of the writing in act and enunciative procedures of the text in the process of doing. The author's attention aims at the process of textualization, and not to the definitively stabilized state of a text. It is about a text in production in which there is searched to reveal semantic elaboration. The study supports itself in the analysis of the texts by Émile Benveniste, Althusser, Nancy Houston and André Chedid. The work shows that studying the genesis of an enunciate in the deepness of its traces is to have an objective process of enunciation, whose synchrony makes a text and opens the potential unfolding of the sense.

Key-words: Enunciation Genesis; Semantic Elaboration; Textualization.

DOI: 10.28998/2175-6600.2013v5n10p01

¹ FENOGLIO, Irène. **Enonciation et genèse d'un texte:** elaboration sémantique et textualisation. Tradução de Lidiane Lira e Janaína Ligya.

Introdução

Em que a observação do processo de enunciação, a partir de um “rascunho” manuscrito, permite compreender alguma coisa sobre a produção de sentido, sobre a emergência semântica no curso de textualização? Essa é a questão que tentaremos responder.

O manuscrito está preso a uma série de metamorfoses: hesitações, retomadas, arrendimentos, etc. Estas metamorfoses são o fruto de um trabalho psíquico, cognitivo e gestual da parte do escritor que deixa vestígios gráficos materializados sobre o manuscrito. O *rascunho* é este conjunto de vestígios, encontrados sobre diversos materiais que o geneticista poderá observar e analisar.

O texto final – isto é, acabado e publicável, senão publicado – não é o produto de uma intenção contínua e homogênea, ele não é o produto de uma estratégia de elaboração linguística. Ele é o resultado de vários impulsos de inscrição que, desde que são percebidos pelo escrevente como enunciados, são submetidos a eventuais rasuras, retomadas, reformulações...

O linguista, face a este complexo material de vestígios gráficos, compromete-se a analisar a forma pela qual uma aparente desordem é imposta ao discurso, e mesmo à língua, nos enunciados em curso de realização e se esforça para encontrar o processo de enunciação. Ele observa todos os detalhes linguísticos que lhe permitirão compreender o funcionamento processual da escritura em ato e os procedimentos enunciativos do texto em vias de se fazer. A questão é assim deslocada do texto acabado em direção a sua gênese, da estrutura de um texto ao processo de textualização.

Em resumo, em um campo de trabalho que é exclusivamente aquele da escrita, minha atenção visa ao processo de textualização, e não ao estado definitivamente estabilizado de um texto. Trata-se de um texto em produção no qual se procura revelar a elaboração semântica.

Debates em Educação

O espaço de observação que privilégio é aquele da linearidade, quando ela está embaralhada, desordenada. Esta linearidade embaralhada, momentaneamente múltipla, inscrita em várias linhas não implica ruptura. Um dos objetivos deste estudo é mostrar que a linearidade gráfica não se identifica com a linearidade linguística, mais precisamente, que a multiplicação diversificada das linhas gráficas não implica uma não-linearidade linguística.

1 Vestígios gráficos e textualização

Voltamos, aqui, ao centro do texto e de sua elaboração, quer dizer, gestual e enunciativa (traços da elaboração psíquica implicando tudo ao mesmo tempo: cognição, inconsciente, suportes, instrumentos).

Uma primeira distinção deve ser feita: aquela entre a *materialidade* do manuscrito e o *texto* que ele traz. O manuscrito é um objeto constituído de vários elementos que têm diversos estatutos e, deste modo, do qual participam lógicas diferentes. Assim, ele pode ser, simultaneamente, sobre o plano cognitivo da observação, segundo o olhar que lhe é dirigido e o *ponto de vista* adotado: um objeto precioso, frágil (para o pesquisador geneticista) ou simplesmente “rascunho” a jogar (para o autor), uma imagem complexa, o suporte de um texto ou de vários textos, um texto ou uma espessura de vários textos, revelando os traços do que gera um texto considerado como encerrado.

O texto resultante do manuscrito² – “extraído” – é constituído da materialidade dos traços de diferentes sessões de escritura operadas, a maior parte do tempo, por um único escritor; ele porta os traços de operações enunciativas.

Estabilizar diferentes estratos de vestígios, de escritura, rasuras, riscos, sobrecarga, arrependimentos, etc..., tarefas do linguista geneticista, é operar um verdadeiro trabalho de arqueólogo: identificar e estabelecer a cronologia dos elementos traçados, pesquisar o não visível a olho nu com a lupa, ordenar no espaço

² Não pode ser considerado como texto a não ser na medida em que o pesquisador o tenha estabilizado como “texto”, ou seja, circunscrito e transcrito. Nesse sentido, o texto resultante de um manuscrito é suscetível de ser reproduzido e transmitido; isso constitui uma das tarefas e mesmo uma função da Genética de texto.

Debates em Educação

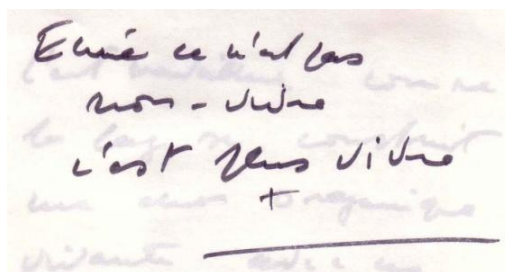
os acréscimos dispersos sobre a folha ou “*feuille*”³, enfim, reconstituir um quebra-cabeça no qual o espaço verbal reconstituído seria o texto em vias de se fazer.

O “manuscrito-texto” assim reconstituído⁴ é um conjunto semiótico composto de gráfico verbal identificável como tal, e de grafismos não identificáveis em si mesmos.

Apesar de não me questionar sobre o verbal enunciativo, não abandono, inicialmente, nenhum dos traços gráficos: a partir do momento em que um elemento de um desses traços participa da elaboração enunciativa, devo considerar, particularmente, o plano semântico.

Com efeito, os traços de elaboração escritural expõem o trabalho semântico do escrevente-enunciador. Em outras palavras, no processo de escritura, pode-se mostrar como se opera a confrontação entre a *semiótica* e a *semântica*, no sentido de Benveniste sobre a qual voltaremos. Qualifico os traços gráficos de “linguísticos”, na medida em que eles entram numa configuração enunciativa descritível. De fato, ao verbal, acrescenta-se, por vezes, possibilidades gráficas que, isoladas, não constituiriam uma forma ou um elemento linguístico, mas conjugadas às formas linguísticas escritas *padronizadas*, reconhecíveis – tomadas por si mesmas em uma configuração enunciativa – participam, em discurso, das formas linguísticas.

No exemplo a seguir, nota⁵ – escrita – por um escritor reconhecido, vemos aparecer o oral interiorizado no escrito:



³ NT: “Cada parte de uma folha de papel dobrada uma ou várias vezes sobre ela mesma para formar uma folha dupla, um caderno” (Le Petit Robert, dicionário).

⁴ Isto é, considerado fora de suporte e não como objeto.

⁵ Trata-se de uma nota manuscrita de Andrée Chedid sobre o caderno de trabalho reproduzido acima. Arquivos IMEC. Ver I. Fenoglio, “Entretien avec Andrée Chedid”, *Genesis* 21, 2003, p. 127-140.

Debates em Educação

A releitura imediata feita no momento da escritura permite ao escritor, em vias de escrever, *ouvir* sua própria frase. E, então, percebida a possível ambiguidade entre *ne plus vivre* (oralizado) e *vivre plus*⁶. O signo “ + ”, não linguístico, não “semiótico”, duplo “mais” para o semantizar, pois transcrito em língua, pode pertencer a dois paradigmas diferentes: mais/menos ou mais/ainda.

O suporte escrito permite ao escritor, sem repetir a frase nem o último segmento⁷, utilizar um signo gráfico “ + ” para remover a ambiguidade. Removendo a ambiguidade, são dados os dois sentidos opostos possíveis na língua: um *in abstentia*: *ne plus*; o outro *in praesentia*: *plus*, e a escolha é mostrada.

2 “Semiótica” e “Semântica”

Como o sentido surge no texto? Ele está no texto? Ele é produzido pelo texto? Esta é tripla questão que nos interessa em um estudo genético. A princípio, faremos uma incursão nos manuscritos de trabalho do próprio Émile Benveniste, particularmente, nos manuscritos preparados ou correspondentes ao artigo “Semiologia da língua” do PLG⁸. Em uma nota de preparação de seu último curso no *Collège de França* sobre a “semiótica”, podemos ler sob o título “Significado”:

O problema será: como os diferentes elementos da língua significam? O “sentido” de uma palavra é o “sentido” de uma proposta? O “sentido” de uma proposta é o “sentido” de um trecho, de um capítulo? É evidente que há distinções para estabelecer. [...]. Dizemos, imediatamente, que um enunciado não tem “sentido” senão numa dada situação, aquela a qual ele se refere. Ele não somente faz sentido com relação à situação, mas, ao mesmo tempo, ele confirma esta situação. É preciso, portanto, distinguir os elementos do enunciado. (f^o 154 e 155 [pap. Or., caixa 58, env; 249]).

Em outro fólio, preparação do mesmo curso, podemos ler:

Eu continuo o estudo iniciado no ano passado, o sentido na língua ou noções que ainda não tem denominações fixas: semântica semiótica, sentido, significado. Qual é este poder misterioso? [...] Impossibilidade de passar do signo a frase. Impossibilidade de fazer coincidir isso com a distinção de língua e fala porque o signo é descontínuo, a frase é contínua.

⁶ NT: Em Português: “não viver mais” e “viver mais”.

⁷ No oral, a correção teria exigido a retomada fônica do último segmento “mais vivo”.

⁸ NT: Problemas de linguística geral (PLG).

Debates em Educação

O enunciado não é uma acumulação de signos: a frase é de outra ordem de sentido (Ibid., fº 141).

Estas observações do curso, que serão retomadas algumas vezes no artigo “Semiologia da língua”, justificam a análise genética da enunciação: observar o modo pelo qual a enunciação se desenvolve linearmente trazendo vários níveis de signos, sem os acumular, trocando-os, removendo-os, acrescentando-os para fazer, finalmente, uma frase tendo sentido.

Veja como pedagogicamente, neste mesmo curso, ele explica a passagem do signo saussuriano à produção enunciativa:

São da semiótica todos os sistemas ~~manifestando-as~~ consistindo em oposições em um conjunto fechado: as classificações, taxonomias, sinais, etc.; Organizando a língua nesses sistemas, articulada ao signo, Saussure a classificou, paradoxalmente, entre os sistemas não-significativos, aqueles cujos elementos não significam nada por si mesmos (sons, cores, sinais) e existem não mais que em oposições, entidades opositivas [...]. A esse sistema se opõe, na língua, um outro sistema (ou é realmente um sistema?) aquele do “querer-dizer” que está ligado à produção e à enunciação das frases. Percebe-se, então, uma distinção entre dois mundos e duas linguísticas: o mundo das formas de oposição e das distinções, a semiótica, que se aplica a inventários fechados, e se apoia em critérios de distinção, mais ou menos elaborados [...]. O outro mundo é aquele do sentido produzido pela enunciação = semântica. (Ibid., fº 148-149).

No rascunho do artigo “Semiologia da língua”, a reflexão continua mais elaborada, mais escrita:

[...] Há, portanto, uma modelagem semiótica que a língua exerce e da qual não se concebe que o princípio se encontra noutro lugar que na língua; a natureza da língua, sua função representativa, seu poder dinâmico, seu papel na vida de relação fazem dela a grande matriz semiótica, a estrutura modelo cujas outras estruturas reproduzem os vestígios e o modo de ação. [...] Tudo ~~ao contrário~~ ao inverso: esta situação privilegiada da língua na ~~usa~~ ~~experiência~~ ordem pragmática é uma consequência, não a uma causa, de sua proeminência semiótica como um sistema significante. ~~Esta aqui deve ter que remontar a um princípio semiológico que devemos descobrir em sua singularidade.~~, e desta predominância só um princípio semiológico pode restituir a razão. Nós o descobrimos tomando consciência deste fato que a língua significa de uma maneira específica e que é só dela, de um modo que nenhum outro sistema reproduz. Ela está investida de uma dupla significação. É ~~isso que faz dela~~ <propriamente> um modelo sem analogia. A língua ~~junta~~ combina dois modos distintos de significação, que nós chamamos de modo semiótico, de um lado, e de modo semântico, por outro. A semiótica designa o modo de significação que é próprio a linguística e que a constitui como unidade. Pode-se, para fins de análise, considerar separadamente suas duas faces, mas, ~~na~~ sob a relação de significação, unidade é, unidade permanece. A única questão que suscita para se

Debates em Educação

legitimar é aquela de sua existência e essa se decide por sim ou por não. [...]. Bases significantes da língua, material necessário de enunciação, é ~~aprovado~~ reconhecido como significante pelo conjunto dos membros da comunidade linguística [...]. Com a semântica, entramos em um modo <específico> de significação que é engendrado pelo discurso. Os problemas que se instalam aqui são função da língua como produtora de mensagens. Porém, a mensagem não se reduz a uma sucessão de signos identificados separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (“interposto”) ~~que é dado~~ <a> ~~priori~~, concebido globalmente que se realiza e se divide em “signos” <particulares, que estão as palavras.> [...] A semântica identifica-se ao mundo da enunciação e ao universo do discurso. [...] O semiótico (o signo) deve ser reconhecido; o semântico (~~no~~ o discurso) deve ser compreendido. A diferença entre reconhecer e compreender ~~está relacionada a duas~~ ~~corresponde~~ remete a duas faculdades distintas do espírito: aquela ~~de identificar os membros de um conjunto~~ e de perceber as identidades por um lado, e aquela de perceber ~~uma a uma~~ a significação ~~nova ligada a~~ de uma nova enunciação, por outro. (fº 68-72, [pap. Or; caixa 53, aproximadamente. 221]).

No rascunho, ao longo de arrependimentos de todos os tipos, a significação, a coerência semântica se persegue enquanto se busca os elementos semióticos mais adaptados, a combinação de signos mais apropriada a este “sentido (intentado) concebido amplamente”.

O rascunho mostra sobre a linearidade significante mantida, a busca por signos reparados ou por segmentos semióticos graficamente em ruptura linear, do discurso fazendo texto.

3 Textualização e gênese da enunciação

Entendo por *textualização* o processo enunciativo de ordenação dos elementos da língua. A análise enunciativa encontra esses elementos linguísticos e permite os “reconhecer” e explicitar os jogos. Em outras palavras, *a análise enunciativa desdobra a sincronia* textual.

A *análise genética* de uma sequência de sucessivas tentativas formando o “pré-texto” de um texto finalmente estabilizado *expõe o diacrônia da elaboração enunciativa*, ou seja, a pesquisa ao nível da semiótica da produção semântica.

A escrita é saturada enunciativamente; só a podemos desdobrar, expondo a configuração na distinção de seus elementos, para perceber a complexidade, mas não

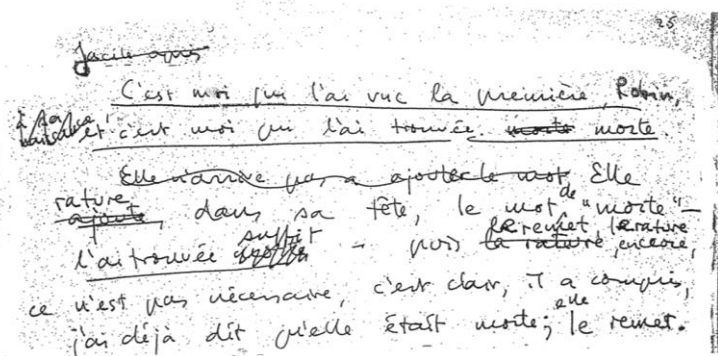
Debates em Educação

a “simplificar”, pois a forma enunciativa *faz* o conteúdo e seu sentido, faz o escrito. Expor a configuração enunciativa não significa extrair os elementos, pois a extração desnatura a configuração que une discurso-texto.

A *fortiori*, quando se quer estudar a gênese: cada elemento essencial deve ser considerado na sua *influência enunciativa*. É possível, em compensação, escolher os pontos de vista (elementos sintáticos, elementos lexicais, tal ou tal tipo de marcador...), mas sabendo que se trata de um ponto de vista que não permitirá separar os elementos do conjunto.

O exemplo seguinte, extraído de um rascunho de Nancy Huston⁹, deverá nos permitir mostrar isso:

par l'espoir, la terreur, l'espoir, l'amour, l'espoir.
 C'est moi qui l'ai trouvée.
 Faut-il le lui dire, si près du début de la lettre ? Oui, se dit
 Mme Armande. Je ne suis pas en train d'écrire un roman à suspense.
 C'est moi qui l'ai vue la première, Robin, à sa naissance, et c'est
 moi qui l'ai trouvée morte.
 Elle rature, dans sa tête, le mot de morte ; l'ai trouvée suffit
 – puis le remet, le rature encore, ce n'est pas nécessaire, c'est clair,
 il a compris, j'ai déjà dit qu'elle était morte, le remet.



A passagem do texto publicado encena a escritura de uma carta. Sobre o suporte do rascunho, no interior desta encenação enunciada em ficção, pode-se ver a exposição do gesto da escritura que acompanhou esta enunciação.

Percebe-se, então, que se instala um abismo enunciativo: escritura do escrever e, do ponto de vista linguístico, metaenunciação escrita de uma enunciação escritural

⁹ Rascunho de *Visages de l'aube*, Actes Sud/Leméac, 2001 (Coleção particular pelo rascunho). Ver seu próprio comentário em *L'écriture et le souci de la langue* (ed. I. Fenoglio) ed. Academia Bruylant, 2007. Em Português, respectivamente, *Faces da madrugada* e *A escrita e a preocupação da língua*.

Debates em Educação

acrescida da demonstração do gesto psíquico da escritura em seu próprio processo (“ela rasura em sua cabeça”).

Sobre um mesmo suporte de rascunho, podemos distinguir dois estados correspondendo a dois momentos sucessivos de escritura.

*Passagem analisada*¹⁰

1º movimento de escritura:

C’est moi qui l’ai vue la première, Robin, et c’est moi qui l’ai trouvée. morte morte.

Elle n’arrive pas à ajouter le mot Elle ajoute, dans sa tête, le mot « morte » – l’ai trouvée morte – puis la rature, encore, ce n’est pas nécessaire, c’est clair, il a compris, j’ai déjà dit qu’elle était morte; le remet.¹¹

2º movimento de escritura:

C’est moi qui l’ai vue la première, Robin, <<à sa naissance>> et c’est moi qui l’ai trouvée. morte morte.

Elle n’arrive pas à ajouter le mot Elle ajoute, <rature>, dans sa tête, le mot <de> « morte » – l’ai trouvée morte <uffit> – puis ~~la rature~~ <le remet, le rature>, encore, ce n’est pas nécessaire, c’est clair, il a compris, j’ai déjà dit qu’elle était morte ; <elle> le remet¹².

O que se constata na gênese dessa enunciação, ou seja, o que se observa na enunciação em vias de se textualizar, em vias de produzir um enunciado, *seu* enunciado? Várias coisas podem ser notadas e, em primeiro lugar, é evidente que tudo se passa em torno e com relação à palavra “morta”.

Do ponto de vista lexical e sintático:

- A palavra em si é grafada 5 vezes em 7 linhas, ela é atributo 4 vezes e 1 vez complemento nominal.

¹⁰ NT: Fenoglio analisa um fragmento do rascunho de Nancy Huston, *Visages de l’aube*. No corpo do texto, ele será mantido em francês. Em nota de rodapé constará a tradução do trecho analisado.

¹¹ NT: Em Português: Fui eu quem a viu primeiro, Robin, e fui eu quem a encontrou. morta morta. Ela não chega a acrescentar a palavra Ela acrescenta, em sua cabeça, a palavra “morta” - a encontrou morta - depois a rasura, ainda, isso não é necessário, está claro, ele entendeu, eu já disse que ela estava morta; recolocá-la.

¹² NT: Em Português: Fui eu quem viu a primeiro, Robin, “ao nascer” e fui eu quem a encontrou. morta morta. Ela não chega a acrescentar a palavra Ela acrescenta, <rasura>, em sua cabeça, a palavra <de> “morta” – a encontrou morta <basta> - depois ~~a rasura~~ <recolocá-la, a rasura>, ainda, isso não é necessário, está claro, ele entendeu, eu já disse que ela estava morta; <ela> recolocá-la.

Debates em Educação

- Ela também é representada 5 vezes, uma vez pelo substantivo genérico “palavra” e 4 vezes pelo pronome complemento anafórico “a” referindo-se a “palavra” a que se refere, ela mesma, “morta”.

Do ponto de vista semântico, duas observações podem ser feitas:

1. Em 7 linhas, a palavra “morta” se apresenta 10 vezes. Pode-se notar que no texto definitivo, temos o mesmo equilíbrio entre a presença da própria palavra e a presença de sua representação, apenas em menor quantidade: 3 distinções, 3 representações.
2. A rasura materializada graficamente tem uma verdadeira função nesta elaboração; ela impõe a oposição absoluta entre dois contrários de vários estatutos:
 - ~~“ela não chega a acrescentar”~~ / “ela acrescenta”: oposição entre duas propostas expondo *operações mentais*.
 - ~~“acrescentar”~~ / “apagar”: oposição entre dois termos representando *operações enunciativas*.
 - ~~“rasura”~~ / “recoloca”: oposição entre dois termos representando *gestos de inscrição*.

Ao nível do texto final publicado, o registro adotado é aquele da enunciação dos **gestos da escritura**.

C'est moi qui l'ai trouvée.

Faut-il le lui dire, si près du début de la lettre ? Oui, se dit Mme Armande. Je ne suis pas en train d'écrire un roman à suspense.

C'est moi qui l'ai vue la première, Robin, à sa naissance, et c'est moi qui l'ai trouvée morte.

Elle **ratu**re, dans sa tête, le mot de *morte* ; *l'ai trouvée* suffit – puis le **remet**, le **ratu**re encore, ce n'est pas nécessaire, c'est clair, il a compris, j'ai déjà dit qu'elle était morte, le **remet**.

Debates em Educação

Elle s'était jetée du balcon de leur appartement au quatorzième étage et c'est moi qui l'ai trouvée, sans vie, dans la cour, en rentrant de l'hôpital à six heures du matin¹³.

Neste registro, trata-se de expor uma hesitação no gesto da escritura, hesitação que é promovida pela ambiguidade quanto a enunciar ou não a palavra “morta”. Essa hesitação faz acrescentar, apagar, reestabelecer, re-rasurar, re-reestabelecer. Sucessão reiterante de dois gestos elementares: grafar uma palavra / barrar uma palavra. Neste caso preciso, trata-se de uma mesma palavra. A tabela seguinte recapitula as operações gráficas e linguísticas intervindo sobre o rascunho e se fixando sobre o texto publicado.

Rascunho	Texto publicado
<p>Fui eu quem a viu primeiro, Robin, “ao nascer” e fui eu quem a encontrou. morta morta.</p> <p>Ela não chega a acrescentar a palavra Ela acrescenta, <rasura>, em sua cabeça, a palavra ‘de’ “morta” - a encontrou morta <basta> - depois a rasura <recolocá-la, a rasura>, ainda, isso não é necessário, está claro, ele entendeu, eu já disse que ela estava morta; <ela> recolocá-la.</p>	<p><i>Fui eu quem a viu primeiro, Robin, ao nascer, e fui eu quem a encontrou morta.</i></p> <p>Ela rasura, em sua cabeça, a palavra morta; encontrei-a basta-depois recolocá-la, a rasura novamente, isso não é necessário, está claro, ele entendeu, eu já disse que ela estava morta, recolocá-la.</p>
<p>6 menções da palavra 4+1 enunciações de acréscimos 3 enunciações de rasuras Ao todo: 14 enunciações desta “palavra” ou de operações sobre essa palavra.</p>	<p>3 menções da palavra 2 enunciações de acréscimos 2 enunciações de rasuras 7 enunciações da palavra ou de operações sobre essa palavra.</p>

A inscrição – pela rasura – de uma oposição semântica a nível triplo impõe cognitivamente uma presença redobrada da palavra na qual esta oposição diversificada está em jogo.

¹³ NT: Em Português. *Fui eu que a encontrou*. É preciso lhe dizer, logo no início da carta? Sim, diz Sra. Armande. Eu não estou escrevendo um romance de suspense. *Fui eu quem viu a primeiro, Robin, “ao nascer” e fui eu quem a encontrou morta*. Ela ~~rasura~~, em sua cabeça, a palavra ~~morta~~; a encontrou basta - depois a ~~recoloca~~, a ~~rasura~~ novamente, isso não é necessário, está claro, ele entendeu, eu já disse que ela estava morta, ~~recolocá-la~~. *Ela se jogou da varanda de seu apartamento no décimo quarto andar e fui eu quem a encontrou, sem vida, no pátio, voltando do hospital às 6 horas da manhã*.

Debates em Educação

Se o texto final está diretamente relacionado ao texto manuscrito, isto é, sintético (“ela rasura em sua cabeça” e elimina todos os termos rasurados) e elíptico (“*encontrei-a basta*”), ele é sustentado e permanece habitado por esses complexos movimentos de escritura compartilhados entre o escritor escrevente, observador de seu gesto, e o narrador fictício da ficção que tenta distanciar esta observação e a ambiguidade que ela revela. *O texto final é a sincronia textualizada do processo forçosamente diacrônico de sua escritura.*

Essa passagem mostra a conjunção entre semiótica (léxico, sintaxe) e semântica nesse gesto hesitante da escritura. A enunciação destaca o gesto de escritura do escrevente, ao mesmo tempo em que ela constrói um enunciado narrando a escritura de uma carta, ao mesmo tempo em que apresenta, sobre a materialidade gráfica do manuscrito, a complexa elaboração semântica a partir da transformação de elementos semióticos.

Eis o que apenas o rascunho pode nos mostrar: o tropeço nesta palavra - acontecimento da escritura - passa do escritor escrevente ao narrador que a retoma para dar conta de seu personagem e a recupera em ficção. Em outras palavras, a textualização investe em seu próprio movimento gráfico e transforma os elementos em elementos semânticos do discurso em vias de se textualizar.

A palavra “morta” é equilibrada entre seu recalque pelo *sujeito escrevente (escritor escrevendo)* que cumpre o *gesto de escritura* sobre o manuscrito e *sua enunciação pelo narrador na ficção* do texto. O escritor-escrevente e o narrador se encontram sobre esse mesmo material, que são as palavras da língua: a semiótica, mas também o narrador, recupera-os e lhes imprime um outro nível semântico que será conservado no texto estabilizado.

Apenas a observação do “rascunho” permite compreender o advento semântico no texto pela lexicalização e sintatização “em texto” do gesto que o faz advir.

4 Acontecimento de enunciação: irrupção semântica imprevista

Passamos agora à perspectiva de um corpus completo: os manuscritos de *L'avenir dure longtemps*¹⁴, de Louis Althusser, do qual serão extraídos uma série de exemplos de um mesmo tipo linguístico, destacando particularmente os “acontecimentos de enunciação”.

O estudo da gênese de um longo corpus permite observar o modo pelos quais os traços gráficos se inserem no seu contexto: do cotexto ao contexto à dimensão variável (da passagem a obra e mesmo ao conjunto dos arquivos disponíveis). Uma análise dialética dos efeitos do “pormenor” gráfico sobre o conjunto do texto e, por conseguinte, sobre sua gênese é ainda possível, e, inversamente, de compreender um detalhe ou uma passagem pelo conjunto do corpus manuscrito e textual e pelo conhecimento de hábitos enunciativos e escriturais de seu autor. Dito de outra forma, a duração de um discurso ao estado manuscrito por um único enunciador é preciosa; ela permite a exploração de hipóteses e a verificação destes materiais.

O longo trabalho que realizei sobre os manuscritos autobiográficos de Althusser (FENOGLIO, 2007b) me permitiu fazer uma classificação entre *lapso-hapax* e *lapso-discursos*.¹⁵

4.1 Os lapsos hapax

Trata-se de lapsos flagrantes que se apresentam não mais que uma única vez no texto. Segue um exemplo:

¹⁴ NT: Em Português, “*O futuro dura muito tempo*”.

¹⁵ O formato deste artigo não me permite mostrar o valor heurístico do estudo linguístico dos lapsos do ponto de vista semântico. Eu reflito sobre este tema em trabalhos anteriores. Ver, em particular, Fenoglio 2004, 2007b.

Debates em Educação

qui l'a métré en
cause personnelle-
ment, lui Lacan

nait m'annoncer, "avant que je ne l'apprenne par des rumeurs xxxxx"
~~du fait que le suicide de Sebag~~ Sebag qu'il avait en analyse, mais avait
 du abandonner parce que Sebag était tombé amoureux de sa propre
 fille, Judith. Il me dit qu'il vient de faire "le tour de Paris"
 pour expliquer la situation à tous ceux qu'il pouvait rencontrer
 afin de couper court à toutes les "accusations de ~~meurtre~~
~~meurtre~~ meurtre ou de négligence de sa part" il m'explique
tement affolé qu'il ne pouvait plus conserver Sebag en analyse
 depuis qu'il était tombé amoureux de ~~Judith~~ Judith

Althusser, texto datilografado de *L'avenir dure longtemps*, f° 174 (5)

Transcrição:

Il me dit qu'il vient de faire « le tour de Paris » pour expliquer la situation à tous ceux qu'il pouvait rencontrer afin de couper court à toutes les « accusations de ~~mertre~~ ~~perdre~~ ~~meurtre~~ meurtre ou de négligence de sa part »¹⁶.

A transcrição permite ver imediatamente que, do ponto de vista da enunciação, o que ocorre de interessante encontra-se no lugar deste tropeço sobre a palavra “meurte”¹⁷. O escritor-autobiógrafo a repete quatro vezes.

Trata-se de um lapso “insistente”, duas tentativas sucessivas manchando irremediavelmente a justa palavra, “justa” porque se trata do significante *meurtre* previsto pelo discurso cuja linearidade estava em andamento.

A primeira ocorrência de “meurtre” é materializada por “perdre” e “mertre”, isto é, formas de línguas reconhecíveis na transgressão que elas operam. Em “perdre” pode-se reconhecer “perte” e “père” e em “mertre”, reconhece-se semioticamente “mère”¹⁸. Os “erros” são sucessivos: *mertre* → *perdre* → *meurtre*. A longa rasura abrangendo os três grafemas dá a ver o trabalho associativo por trás da palavra. Ela mostra, talvez prove, que a comunicação “intentada”, segundo o termo de Benveniste¹⁹, não é exclusiva; que a língua é colocada proveitosamente para o que - vindo de outro lugar - deveria ser dito, ou seja, enunciado. A primeira inscrição da palavra “meurtre” é intimamente assinalada pelos acidentes associativos e linguísticos

¹⁶ NT: Em Português: Ele me disse que vem “dar uma volta em Paris” para explicar a situação a todos àqueles que ele podia encontrar a fim de interromper todas as “acusações de ~~mertre~~ ~~perdre~~ ~~meurtre~~ assassinato ou de negligência de sua parte”.

¹⁷ NT: Em Português, assassinato.

¹⁸ NT: Em Português. “Perte”, perda; “père”, pai; “mère”, mãe.

¹⁹ Cf. manuscrito citado acima e PLG, 225.

Debates em Educação

em que ela tem lugar: marcas de hesitação, afloramentos de sentidos não estabilizados. Ela também é sinalizada pela rasura que engloba os três. Ela fez rompimento no discurso/narrativa que reportaria ao eventual assassinato de um outro.

Assim, “meurtre” não é duplicado, embora repetido, ele é *clivado*. Um mesmo significante expõe dois significados diferentes. Um significado remete a um assassinato em particular – ele mesmo duplicado – e, em todo caso, difícil de “qualificar” (para empregar um termo jurídico, trata-se, com efeito, de um “mèricide” ou “pèricide”²⁰) e que vem acontecer no discurso da narrativa onde iria se inscrever e, finalmente, registrar um significado *discursivo* que faz referência a esse eventual assassinato que poderia acusar a pessoa a qual relacionamos a narrativa.

No texto aprovado pelos editores, esta dupla semantização não aparece mais. Neste caso, está claro que a observação do manuscrito expõe um complexo processo de semantização linguística: cada entrada semântica passa por uma inscrição semiótica truncada linguisticamente, mas “reconhecível” na língua: “per”, “mer”.

4.2 Os lapsos-discursos

Trata-se de lapsos recorrentes, cuja recorrência faz discurso. Retomaria a mais notável das séries de ocorrências destes lapsos-discursos atualizados nesse longo corpus.

Nessas ocorrências²¹, o autor traz, por um mesmo verbo, a primeira e terceira pessoa do singular “eu” e “ele”.

²⁰ NT: “mèricide” e “pèricide” são termos jurídicos, que se referem, respectivamente, ao assassino da mãe e ao assassino do pai.

²¹ A lista que segue foi fabricada a partir dos extratos de diversos fólhos. O conjunto dos lapsos não pertence aos manuscritos. Cf. Fenoglio (2007b).

Debates em Educação

fº 9	Callani, où on prit un jour une photo de moi, j'étais un enfant ni dominé par une haute et lourde tête disproportionnée à mes épaules
L'Arrière fº 35	J'ai toujours eu le sentiment qu'il y avait maldonne et erreur sur la personne, et que ce n'étais pas vraiment moi qu'elle
fº 35	son âme. Quand elle me regardait, ce n'étais pas moi qu'elle voyait, mais derrière mon dos, à l'infini d'un horizon d'imagination.
fº 39	Déchiré je l'étais, mais étais sans recours contre son désir de ma mère. Je faisais tout ce qu'elle voulait, aidais
fº 57	ne cessait, pensé-je, de me provoquer (alors que sans doute c'était moi, qui inconsciemment - je le compris plus tard - je le devais le provoquer) m'injoignant de me battre et m'y mettant au
fº 62	deux du programme. Je m'identifia à lui, imitais son langage, et dans mes dis-
fº 62	paraboles d'abord je m'identifia à lui, pour les raisons que je viens de dire, liées à ma propre image de moi et à celle de
fº 100	fond de moi j'étais un lâche. Mais elle était là, elle m'aimait, j'étais infiniment fier d'elle, je l'aimais, c'était le printemps dans la
fº 122	d'expression précédentes, qui est en cause. J'avais assez subi le désir de ma mère, au point de sentir que je ne réalisais pas contre le mien, je prétendais assez avoir enfin droit à mon propre désir (tout
fº 141	Oui, dès de domaine, comme je le rêvais en amour, c'était bien moi, et personne d'autre qui prenait l'initiative, moi qui me van-
fº 194	où avec Cavaliere, Ricci et d'autres nous montâmes notre affaire de syndical illégal qui luttait pour obtenir sa reconnaissance légale (situation qui n'étais pas sans rapport avec mon ancien problème d'évasion : comment sortir du camp tout en y restant, - mais cette fois
fº 200	net de discerner les intentions de l'autre avant qu'il ne vous touche (vol ou viol), la distance où je devais être aussi de cet autre Louis que ma mère ne cessait de regarder à travers moi. J'étais ainsi liée de l'œil sans contact

Do ponto de vista da relação semiótica/semântica, este lapsos-discurso é muito interessante. Se admitirmos que uma parte da significação vem da repetição de seu esquema, observaremos que a pertinência vem do fato de que ele distingue radicalmente a textualização do oral. A semiótica reconhecível na língua "era" implicaria apenas uma interpretação semântica no oral. Para a gênese do texto, parece que duas interpretações semânticas se inscrevem ao mesmo tempo: / j'étais / est aussi

Debates em Educação

bien / il était.²² *J'étais* pode ser interpretado como significando: j'étais **moi** et j'étais un **autre**²³. Isso torna visível exatamente o que Benveniste observa na preparação do seu curso²⁴:

252

238

L'écriture est ~~le m~~
l'instrument de
l'auto-sémiotisation
de la langue : la
preuve est
1) le fait que deux Chinois
de dialectes différents θ /s'entendent
en écrits, non en parlé
2) ~~que~~ le fait que l'écriture
distingue les signes de la
langue que le parler confond
en montrant quels sont leurs
discriminateurs : vin, vingt²⁵ ...

Conclusão

A gênese de um texto revela a hesitação inerente à escritura, o movimento incerto que procede ao gesto mesmo da escritura. A semantização durante a textualização se apoia tanto sobre a semiótica lexical, quanto sintática, tanto uma como a outra, ou ambas, podem ser solicitadas. Os marcadores linguísticos, operações enunciativas de substituição, atestam essa relutância. Para concluir, notemos a hesitação entre “A” e “Sobre” no último verso de um poema de André Chedid²⁶.

²² NT: Em Português, “eu era / é tão bom / ele era”.

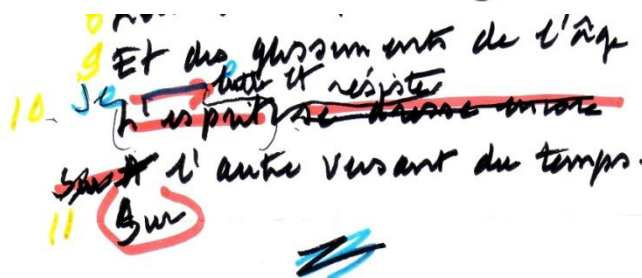
²³ NT: Em Português, “Eu era eu e eu era um outro”.

²⁴ Nota pura. Curso no Collège da França, 1968-1969, f ° 238, [pap. Or caixa 40, aprox. 80]. Transcrição diplomática de Valentina Chepiga.

²⁵ NT: Em Português: A escritura é ~~o m~~ o instrumento de auto-semiotização da língua: a prova é 1) o fato que dois Chineses de dialetos diferentes θ /se entendem por escritos, não por fala 2) ~~que~~ o fato que a escritura distingue os signos da língua que a falar confunde mostrando quais são seus discriminadores: vinho, vingte...

²⁶ Trata-se do poema *Combat*, publicado na coletânea Gallimard (2002).

Debates em Educação



Uma hesitação, ela mesma repetida ao longo de diferentes estados do texto:

A l'autre versant du temps.
 <Sur> A l'autre versant du temps.
~~Sur~~ <A> l'autre versant du temps.
 A/Sur l'autre versant du temps.²⁷

Isso parece, no entanto, anódino. De fato, a substituição entre essas duas preposições - substituição reiterada - vem marcar uma profunda hesitação. O gesto de escritura segue o traço, a postura psíquica, o “querer-dizer” (conforme a fórmula de Benveniste) não-assegurado: o poeta está diante do declínio do tempo, aí resistindo, opondo-se frontalmente, ou melhor, do interior deste declínio vertiginoso no qual está inevitavelmente capturado, ele ainda tenta resistir?

Essa substituição poderia continuar a se repetir; ela sinaliza a hesitação entre duas possibilidades do texto. Com efeito, as duas preposições podem indefinidamente se substituir uma pela outra sem que a sintaxe sofra. No entanto, o enunciado, ele, muda cada vez de sentido. Somente a digitação no computador, seguida da edição, irá parar a textualização - isto é, “terminar” o texto.

Temos a nítida impressão que a hesitação repetida, a ambiguidade de escolha entre duas preposições, não muda nada sobre a sintagmática, mas tudo na paradigmática, semanticamente no interior do texto publicado. Em outras palavras, estou convencida que a dinâmica criativa de textualização alimenta o interior da tessitura final, ou seja, o texto e sua legibilidade.

²⁷ NT: Em Português.

A outra vertente do tempo.

< Sobre> A a outra vertente do tempo.

~~Sobre~~ <A> a outra vertente do tempo.

A / Sobre a outra vertente do tempo.

Debates em Educação

Sobre estes diversos exemplos, a análise da enunciação, conjugada à genética textual com a atualização das quatro operações da escritura (adição, supressão, substituição, deslocamento), permite uma abordagem precisa para a elaboração de sentido no texto, através da textualização.

A Linguística e a Genética de textos tem todo o interesse em tentar esclarecer seu ponto de vista num espaço comum de encontro: o horizonte da gênese encontraria seus limites – portanto, suas restrições e possibilidades – entre a resistência estruturante do material linguístico e o indefinidamente maleável, singularizável do gesto psíquico da escritura que, por meio da semiótica, “quer dizer”, ou seja, imprime o sentido.

Este tipo de estudo pode ser considerado como uma contribuição *aplicada* de seu encontro e de enriquecimento mútuo. Uma linguística que não seria pura descrição da língua, mas que se apoiando sobre a linguística reconhecível do material manuscrito (*semiótica*) apreciaria a imensurável criação enunciativa do discurso (*semântico*).

Estudar um enunciado na profundidade dos traços deixados sobre os rascunhos remete a estabelecer a gênese de sua enunciação. Estabelecer a gênese é clarear a sincronia de um enunciado textual “terminado” (publicado) para revelar – inscrita em etapas de escritura ordenadas cronologicamente – a elaboração enunciativa como processo. Estudar a gênese de um enunciado, é objetivar o processo de enunciação, cuja sincronia faz o texto e abre o desdobramento potencial do sentido.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Ces mots qui ne vont pas de soi**: boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Larousse (Coll. Sciences du langage), 1995.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Gallimard. + Archives et brouillons d’E. Benveniste.

Debates em Educação

CHAROLLES, M. L'analyse des processus rédactionnels: aspects linguistiques, psychologiques et didactiques. In: **Pratiques**. Les activités rédactionnelles, n. 49, mar, p. 3-21, 1986.

COMBETTES, B. **Pour une grammaire textuelle**. Éd. Duculot, 1983

DESSONS, G. **Emile Benveniste: l'invention du discours**. Éd. In press, 2006.

FENOGLIO, I.; BOUCHERON, S. Processus d'écriture et traces linguistiques. In: **Langages**, n. 147, 2002.

FENOGLIO, I. Écriture en acte et genèse de l'énonciation: d'une rature de l'écrivain-scripteur à la rature-fiction du narrateur. In: **Littérature et linguistique**. Presses Universitaires de Savoie, CD Rom, 2003.

FENOGLIO, I. Écritures en acte et genèse du texte. In: **Langage et Société**, n. 103, 2003.

FENOGLIO, I. Les événements d'énonciation graphiques: traces du fonctionnement linguistique de l'inconscient dans les manuscrits. In: **Marges Linguistiques**. Langage, langue, inconscient. Linguistique et psychanalyse. M.L.M.S. éd., www.marges-linguistiques.com (13250 Saint-Chamas), n. 7, p. 125-139, 2004.

FENOGLIO, I. Il et son féminin Ile: genèse d'un e non muet. In: COHEN, M.; CRASSON, A.; FENOGLIO, I. (Éd). **Edmond Jabès, Récit: les cinq états du manuscrit**. Textuel, XXVII-XXXVII. 2005.

FENOGLIO, I. Archives, brouillons, traces, interprétation: pour une méthodologie de la textualisation. In : « **Seules les traces font rêver** ». Enseignement de la littérature et génétique textuelle (J.-M. Pottier éd.), éd. CRDP Champagne-Ardenne, 2006, p. 25-39.

FENOGLIO, I. **L'écriture et le souci de la langue**: écrivains, linguistes, témoignages et traces manuscrites. Louvain-la-Neuve, Academia-Bruylant, 2007a, 198p.

FENOGLIO, I. **Une auto-graphie du tragique**: les manuscrits des faits et de L'avenir dure longtemps de Louis Althusser. Préface de Yann Moulier-Boutang, Louvain-la-Neuve, éd. Academia-Bruylant. 2007b, 202 p.

FENOGLIO, I. ; ADAM, J.-M. **Modèles Linguistiques**: «Linguistique et génétique textuelle. Matérialités scripturales, recherches théoriques et échanges méthodologiques». 2008. En préparation.

FENOGLIO, I.; CHANQUOY, L. Avant le texte: les traces de l'élaboration textuelle. In: **Langue française**, n. 155.

GRÉSILLON, A.; LEBRAVE J.-L. Les manuscrits comme lieu de conflits discursifs. In: **La genèse du texte**: les modèles linguistiques, Editions du CNRS, 1982.

Debates em Educação

GRÉSILLON, A.; LEBRAVE, J.-L. (Éds.). Manuscrit-écriture: production linguistique. In: **Langages**, n. 69, 1983.

GRÉSILLON, A. ; LEBRAVE J.-L. Paraphrases et ambiguïtés dans la production du texte littéraire. In: FUCH, C. (éd). **L'ambiguïté et la paraphrase**. Presses de l'Université de Caen, 1988, p.124-128.

GRUNIG B.N. Structure et processus. In: **Bulletin de la société de Linguistique de paris**, t.XCI, fasc. 1, p. 37-53, 1996.

GRUNIG B. N., Délinéarisation et reformatage. In: COTTE, P. (éd.). **Langage et linéarité**. Villeneuve d'Asq, Presses du Septentrion, p. 179-189, 1999.

ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Emile Benveniste**. Limoges: Ed. Lambert-Lucas, 2007.

La genèse du texte: les modèles linguistiques. Paris, Ed. du CNRS (coll. Textes et manuscrits), 1982 (2^e édition 1987).